



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

25
anos

2017



Comparações dos modos de vida de vigilantes e moradores de condomínios de luxo.

Paola D. Argentin*

Resumo

A partir do estudo de caso em condomínios de um dos bairros de alto padrão da região Leste de Campinas – Sp., a presente pesquisa lançou-se a alcançar as diferentes concepções de vida, habitar e de demandas por segurança que circulam diariamente em suas portarias, na relação entre vigilantes e moradores. E desta forma, a partir da escrita etnográfica, identificar os silêncios e ambiguidades que fazem parte do cotidiano das portarias, de modo a concebê-la não apenas como um aparato securitário, mas também o lugar em que mundos sociais se encontram, se distanciam, são incorporados e também negociados, atribuindo termos específicos à relação público-privado ao qual os condomínios se encontram.

Palavras-chave:

condomínios, segurança, modos de vida

Introdução

A expansão do mercado da segurança privada no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 1990¹, imprime à paisagem urbana novas formas de segregação socioespacial, ainda que sob velhos paradigmas sociais atrelados à condição de classe. Estando estas novas formas diretamente relacionadas ao imaginário de um urbano criminalizado, elas estabelecem os códigos do “bem-viver”, e oficializam uma forma de sociabilidade vigiada, homogênea e seleta (seletiva). Destarte, os condomínios residenciais, ou enclaves fortificados², podem ser considerados a expressão desta máxima da “segurança do viver”, por assim dizer, e carregam consigo os significados e significantes de um *habitus*³ específico. Porque para além da segurança, as portarias incorporam o modo de vida de quem mora.

Ao tornar complexa a função social do espaço, porque (re)criam centralidades e periferias urbanas de acordo com o modo de vida a que representa, tornam a segregação via fortificação a expressão do conjunto da vida social. Sendo assim, por meio da etno-metodologia, a presente pesquisa esteve atrelada às relações – nem sempre formalizadas - entre vigilantes e moradores de dois condomínios de alto padrão, como a representação da circulação diária entre mundos sociais diferentes, que representam parte desta “nova” vida social.

Resultados e Discussão

Os rumos teóricos da pesquisa, seguiram as constantes necessidades de mudança de perspectiva impostas pelos agentes em campo, devido a observação participante e pela estadia prolongada no bairro, nas portarias e na associação de moradores. Desta forma, sendo o eixo central as articulações e negociações entre moradores e vigilantes, elas se fazem tanto pelas estratégias de segurança, quanto pela circulação diária entre necessidades e medos particulares dos sujeitos envolvidos.

Neste sentido, ao arriscar captar as complexidades da organização e do fluxo das portarias, a pesquisa esteve sujeita a ampliação das perspectivas envolvidas nesse processo, de modo que a relação morador/vigilante se estendesse à organização do bairro como um todo.

Uma das discussões pungentes nesta ampliação dos olhares, é a própria concepção de cidadania e de demandas sociais que se articulam de maneira privada, e

que ampliam o controle social às ruas públicas que circundam os complexos condominiais. Neste sentido, foram exploradas questões que penetram o modo de organização do bairro como um todo, a partir da forma com que vigilantes e moradores se engajam nesta lógica de comunidade, que atomizam suas demandas a partir dos condomínios.

Conclusões

O olhar etnográfico possibilitou o exercício da tradução, ou o constante movimento entre a prática e a teoria, de modo que as complexidades da organização da segurança em condomínios, não fossem representadas como meros concatenamentos entre as práticas dos sujeitos em campo e a bibliografia escolhida inicialmente, ou ainda, que fossem reduzidas às razões práticas da segurança privada e seus procedimentos, embora também de extrema importância à escrita etnográfica a que se pretendeu. Deste modo, buscou-se entender as formas de organizar o “bem-morar” que justificam a presença dos enclaves fortificados, a partir das relações e acontecimentos que envolvem e mobilizam os moradores e os vigilantes, e a constante articulação com os diferentes mundos sociais que ambos representam, mas também aquilo que compartilham.

Mais do que comparações de modos de vidas, são suas articulações enquanto principais contribuidoras ao exercício de uma nova sociabilidade nas(das) ruas.

Agradecimentos

Agradeço a dedicação, disponibilidade e o apoio da orientadora do projeto, Susana Soares Durão.

¹Zanetic, A. *Policimento e segurança privada: duas notas conceituais*. In: *Estud. Sociol.* **2012**, 471,490.

²Caldeira, T. P. do R. *Cidade de muros*. **2000**.

³Bourdieu, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. **2006**.